

DIMENSÕES SÓCIOEDUCATIVAS DA FESTA DO PAU DA BANDEIRA: DECIFRANDO PLURALIDADES E MULTIANGULAÇÕES

José Edvar Costa de Araújo

Festa do Pau Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. Tradição? Tradições

Uma das preocupações presentes quando se trata de caracterizar, defender, valorizar as manifestações culturais, especialmente as que são catalogadas como cultura popular, diz respeito ao que nelas é considerado tradicional ou genuíno, autêntico, puro. Percepções que muitas vezes podem se revelar ilusórias. Até porque podem levar a olhares empobrecedores e preconceituosos sobre dinâmicas socioculturais complexas, impedindo que se alcance o objetivo pretendido. Em última instância, o mais importante não é defender uma pretensa pureza das manifestações; e sim assegurar o direito que os grupos sociais têm de gerir os seus patrimônios, incluindo suas expressões.

A observação da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha em suas variadas dimensões, a partir de múltiplos ângulos, com a pretensão de captar suas características e valorizá-la, gera indagações persistentes e respostas que se desdobram em outros cenários e outras perguntas.

O que faz da Festa do Pau da Bandeira uma referência tão intensa para os barbalhenses, objeto mesmo de paixão? O que faz com que tenha ela se tornado esta *tradição*? O que confere a ela o alto grau de legitimidade atingido, a ponto de ser considerada representativa daquela comunidade social? Como vem sendo construído seu modo de acontecer? Como vem sendo tecidas as interpretações que dela fazem os barbalhenses, os pesquisadores de todos os matizes, as forças políticas, os organismos de gestão pública, o mundo da economia e a indústria cultural?

Alinhadas à perspectiva inicialmente posta, estas indagações acompanham e realimentam constantemente o meu interesse pela Festa do Pau da Bandeira, desde os primeiros contatos, mesmo depois de encontrar as respostas buscadas para perguntas feitas em determinada conjuntura. Porque qualquer resposta é sempre parcial, por referir-se a um aspecto de uma trama muito mais complexa, um elemento que nos parece estranho, um componente que permanece no foco de observação.

Por tudo isto, a cada oportunidade que tenho para retomar o contato direto com a Festa ou com os comentários e as notícias sobre, ela fico sempre imaginando: a Festa do Pau da Bandeira entrou em decadência? A indústria do consumo e a depredação dos bens culturais tomaram conta de tudo, eliminando totalmente os espaços de autonomia e criatividade dos brincantes? Estará a Festa reduzida aos estereótipos veiculados pela mídia, especialmente a televisão?

Felizmente este temor tem sido atenuado por suspiros de alívio. A cada ano, entre supostas repetições e novidades, encontro uma manifestação humana com vitalidade bastante para se relacionar ativamente com as características da mundialização e massificação que envolvem nossa existência social e pessoal. Percorrendo as ruas da cidade de Barbalha, de manhã à noite, desde a Praça da Matriz, passando pela Vila Santo Antônio e chegando às proximidades da cama do Pau, tenho verificado a diversidade do fazer e viver a Festa, do fazer e refazer a cultura. Esta visão otimista não desconhece, evidentemente, tensões e distorções envolvendo os interesses e patrimônios socioculturais, questões a serem permanentemente tratadas.

Contudo, a vitalidade que envolve a produção da Festa do Pau da Bandeira abre a possibilidade de garantir a continuidade do que existe de mais valioso em sua *tradição*: ser um espaço para o encontro do presente e a expressão da diversidade contemporânea, uma oportunidade para a rememoração e a reverência de figuras e valores de um passado referencial, um tempo extraordinário onde se constroem expectativas de futuro.

Procuras e descobertas a partir de 1990

As primeiras referências por mim ouvidas sobre a Festa do Pau da Bandeira foram, no final dos anos oitenta do século passado, entusiasmados comentários dos pesquisadores Oswald Barroso e Rosemberg Cariri acerca das aventuras vividas ao seguir o cortejo pelas ruas de Barbalha, destacando-se observações sobre a teatralidade das cenas criadas pelos brincantes, a profundidade da simbologia sobre a relação entre humanidade e natureza, o atrito entre os diversos agentes sociais. Pouco tempo depois, início dos anos noventa, ao decidir sobre o tema de pesquisa para a dissertação de mestrado, quando também integrava a equipe de pesquisadores do projeto Festas e Folguedos Populares do Ceará¹, resolvi adotá-la como tema de estudo.

¹ Projeto coordenado pelo jornalista e escritor Oswald Barroso para a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Cf. jornal O POVO, de 29 de janeiro de 1990.

A partir desta ocasião, ela tornou-se permanente assunto de minha observação no campo da cultura popular no Ceará, convertendo-se na manifestação sociocultural com a qual mais aprendi ao longo da vida sobre culturas e as relações destas com os demais domínios da vida social: lugar de aprendizagem, laboratório de observação e matéria de encantamento.

Parte das questões, observações, reflexões e descobertas feitas nos últimos 21 anos sobre a Festa e sobre o que seu estudo tornou possível aprender acerca das culturas populares, educação, o Ceará e a vida em sociedade estão sintetizadas a seguir.

A pesquisa de mestrado, realizada entre 1990 e 1994², orientou-se pelas questões seguintes:

Quais as funções pedagógicas que uma manifestação cultural como a Festa do Pau da Bandeira desempenha para a manutenção ou para a transformação dos modelos de relações sociais vigentes no seu contexto?

Quais as permanências e as mudanças perceptíveis nos seus processos, estruturas e rituais?

Em que momentos dos processos, estruturas e rituais da Festa predominam a presença e os símbolos dos setores subalternos da sociedade barbalhense?

Que capacidade ainda possuem as categorias de análise e as práticas sociais da Cultura Popular e da Educação Popular para explicar realidades sociais injustas e propor transformações de caráter democratizador?

Funções socioeducativas da Festa e sociedade local: a dimensão restrita

Com base em um olhar de alcance restrito, localizado, as três primeiras perguntas referem-se às funções que a Festa do Pau da Bandeira tem desempenhado historicamente no contexto das relações sociais da sociedade de Barbalha; às modificações verificadas em sua estrutura e nos seus processos organizativos; à relação que tais mudanças têm com diferentes funções que a Festa desempenha em conjunturas históricas e sociais diversas; aos momentos, ao longo do período histórico focalizado, ou durante o desenrolar de seus rituais, em que os interesses e expressões culturais dos setores subalternos conseguiram impor algum grau de hegemonia e direção.

² Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

A exposição da pesquisa, composta pela descrição do fenômeno e a análise das informações sobre ele obtidas, desenvolveu dois eixos, autônomos e relacionados: a recomposição histórica do surgimento e das evoluções da Festa através do tempo, fundamentada em depoimentos; a descrição de seus aspectos estruturais e organizacionais a partir da narrativa do cortejo observado nos anos da pesquisa.

A recomposição visualiza hoje quatro períodos: o primeiro, correspondente ao surgimento do costume de transportar o pau da bandeira para os locais de devoção, se inicia com a presença do Pe. Ibiapina na região (1860) e vai até o ano em que o Pe. José Correia incorpora o hábito ao programa oficial da festa religiosa; o segundo, começando com esta inclusão em 1928, vai até o ano de 1973; o terceiro se inicia neste ano quando o Prefeito Fabriano Sampaio, para dinamizar a “vocalização turística” do município, incentiva a produção do artesanato, comidas típicas e do folclore por ocasião da Festa do Padroeiro, transformando a Festa do Pau da Bandeira em atrativo para os visitantes; o quarto período inicia-se nos anos noventa, caracterizando-se pela intensificação da influência da indústria cultural e o aguçamento dos conflitos entre diferentes características da Festa: espetáculo para consumo e espaço comunitário de convivência.

Já a descrição dos aspectos estruturais e organizacionais do cortejo destaca um conjunto de elementos: os simbolismos da árvore transformada em mastro e do seu transporte sem a interferência de equipamentos estranhos à força humana; a associação de força muscular, disciplina, habilidade técnica, fé e da alteração controlada da consciência pela bebida como componentes do ritual do transporte; o papel das figuras individuais – o Capitão do Pau, o Animador José Veloso – o Pavão, os Mestres Artífices José Custódio e Pedro Batista e das figuras coletivas – os Carregadores –; e o Santo.

O exame destes fatores em seu movimento temporal espacial permitiu então afirmar que, como qualquer outra, a Festa do Pau da Bandeira, em sua história de mudanças e persistências, desempenha funções múltiplas, diferenciadas, interligadas e muitas vezes conflitantes, que correspondem aos interesses e aos pontos de vista de diferentes estratos da sociedade; comportando por este motivo interpretações diversas.

Uma perspectiva de interpretação destas funções diferenciadas da Festa consiste em opor de forma simplista os interesses e as expressões dos estratos dominantes da sociedade e os interesses e expressões dos estratos subalternos. Sob este ponto de vista, os interesses dominantes estariam representados pelas instituições, pelas autoridades e seus aliados. Já os interesses dos dominados estariam representados pelo povo, a

multidão e os grupos artísticos. A relação entre os dois se reduziria a uma luta sem tréguas; as tentativas de manipulação e domínio contra os esforços de libertação.

A observação mais acurada dos fatos permitiu afirmar que esta perspectiva estreita não é suficiente para captar a riqueza e a complexidade dos processos sociais expressos na Festa. É indiscutível que existe uma oposição separando os interesses e as formas de representação das camadas sociais que detém o controle econômico, político-social e ideológico-cultural das motivações e expressões ideológicas das camadas sociais reduzidas a situações de dependência e subordinação. Entretanto essa oposição, ao mesmo tempo em que produz exclusão e enfrentamentos, permite a ocorrência dos processos de negociação e conciliação entre os interesses.

Há outra vertente interpretativa que vê na Festa um momento de convergência das diferentes camadas da sociedade em torno de crenças e objetivos situados acima e além das diferenças e desigualdades existentes. A ocorrência dos conflitos seria deslocada das relações do cotidiano para o campo das representações simbólicas; este deslocamento tornaria possível o estabelecimento de uma provisória identidade de interesses, baseada menos na explicitação e negociação destes, e assentada mais na ideologia do comunitário e na ideia do sagrado, que permitem a suspensão do cotidiano.

A partir desta possibilidade, os defensores de uma perspectiva conservadora dos fatos sociais veem a Festa como o espaço sagrado e comunitário destituído de conflitos. Ao contrário, há aqueles que desconfiam que, manipulada pelos setores dominantes da sociedade, a Festa assume a função de mecanismo dissimulador ou amortecedor dos conflitos.

Para além de qualquer propósito de manipulação, da existência de situações conflituosas e de suas características de espaço comunitário, a Festa permite a criação de espaços reais de afirmação dos interesses diferenciados e conflitantes, tanto por parte dos setores subalternos como por parte dos que detém o controle da sociedade. No seu transcurso são numerosos os momentos e os espaços de explicitação das divergências, que podem conduzir a processos de negociação e de crescimento da capacidade de expressão social por parte dos subalternos. A dinamização destes momentos e espaços depende em grande parte da reflexão existente sobre eles e da construção de instrumentos de ação para viabilizar a intervenção dos sujeitos sociais.

Neste ponto, cabe chamar a atenção para o fato de que estes processos, que envolvem conflito e negociação, não podem ser reduzidos unicamente à dimensão

coletiva. Eles ocorrem com a mesma significação ao nível da individualidade, permitindo a afirmação e o resgate desta dimensão.

É legítimo afirmar que a Festa do Pau da Bandeira exerce um papel tanto no sentido de cristalizar e manter os processos e relações na sociedade de Barbalha, como também no sentido de operar transformações e rupturas no que está estabelecido. O sentido das cristalizações e das rupturas, entretanto, não é linear nem simplista. Cristalização não se refere diretamente ao atendimento dos interesses dominantes. E ruptura não corresponde automaticamente aos interesses dos setores socialmente dominados. Essas funções e ocorrências estão plenas de contradições, que constituem a força e a beleza da Festa como construção social.

As afirmações feitas podem ser exemplificadas através de fatos observados na pesquisa. Um deles refere-se à figura do Capitão do Pau da Bandeira. No período que se estende entre os anos 30 e os anos 50, a uma sociedade rural patriarcal rigidamente estruturada correspondiam, na organização da Festa, formas de organização e processos de decisão também mais rígidos e verticalizados. Através sobretudo dos mecanismos da Igreja Católica local, os setores hegemônicos da sociedade determinavam, com absoluto controle e aprovação social, os processos de representação e de coordenação dos eventos. Nesse contexto, o Capitão do Pau da Bandeira foi exercido por uma única pessoa, o Sr. Taumaturgo Filgueiras, como um mandato vitalício. O comando vitalício do Capitão Taumaturgo é de tal monta que o Sr. José Custódio, que o conheceu e foi seu auxiliar, o chama de “dono da festa”.

Após a morte deste primeiro Capitão tem início a democratização formal da escolha. Os tempos correspondem a uma maior possibilidade de afirmação de diferentes interesses no interior da sociedade local. A democratização do processo de escolha do Capitão guarda semelhanças com a democracia política formal que se desenvolve ao nível geral da sociedade. O Capitão é escolhido anualmente, através de processos abertos aos participantes – votações que elegem um dos candidatos indicados e da qual participam o povo, os carregadores. Contudo, entendimentos decisivos são feitos, anteriormente e durante a votação, pelos representantes das principais instituições que controlam a Festa: a Igreja e as famílias num determinado momento, a Igreja e o Poder Municipal, em outro período.

Nos referidos embates e entendimentos, o voto popular apenas legitima um candidato imposto ou tenta barganhar algum interesse específico. De todo modo, a aprovação a um dos candidatos significa a adesão ou o alinhamento a uma das

instituições que representam a hegemonia na sociedade. A continuidade ou ruptura na escolha do Capitão do Pau da Bandeira estão relacionadas tanto aos interesses dos que controlam a Festa e a sociedade como aos interesses dos que estão numa posição subordinada. A permanência ou a troca de um Capitão pode corresponder aos interesses de grupos dominantes. As mesmas possibilidades também podem ocorrer em relação a grupos não hegemônicos. E tais interesses tanto podem coincidir, em certos casos, como também podem colidir.

Outro exemplo referente ao significado possível das cristalizações e das rupturas está no espaço social e cultural ocupado e na função desempenhada pelos grupos folclóricos. Até 1973 os grupos folclóricos participavam da Festa de maneira “espontânea”. Talvez chamassem atenção simplesmente pela sua rusticidade, por certo exotismo, pela identificação afetiva com uma sociedade tida como sem conflitos, aquela sociedade marcadamente rural e ingênua.

A partir daquele ano, o poder público municipal passa a intervir na organização da Festa, com o objetivo de aproveitar o seu caráter regional e folclórico, articulando-o com as políticas de dinamização do potencial turístico do município de Barbalha. Nesse processo, os grupos folclóricos passam a ser “organizados” para que possam fazer parte do espetáculo; participam do desfile folclórico oficial e se apresentam na praça central das festividades populares. Por um lado, os grupos e as expressões cultural-ideológicas desses setores são “valorizadas”; por outro lado, as relações de subordinação são mantidas e reforçadas. Durante muitos anos os grupos se apresentam a convite do Prefeito e recebem em troca as roupas, o transporte e a alimentação.

Estas relações são questionadas pelo poder público a partir de 1992. A Secretaria da Cultura toma iniciativas no sentido de “profissionalizar” as relações da Prefeitura com os grupos com base em três argumentos: a diminuição dos custos para a Prefeitura, a abertura da Festa para os grupos de cidades vizinhas; o respeito à autodeterminação da expressão estética dos grupos. A proposição rompe com uma visão romântica da cultura popular. As mudanças propostas podem significar consequências benéficas para a oxigenação dos grupos e de suas expressões artístico-culturais; podem também acrescentar outros desafios relativos ao controle social destes grupos.

A extinção da relação maternal e o estabelecimento de contratos profissionais com os grupos exigem que eles descubram a necessidade de redimensionar sua expressão e inserção social, o que inclui pensar em competitividade, auto sustentação, renovação estética. Mas pode ocasionar também uma mera adaptação deles às novas

situações, tanto no que se refere ao campo do poder político como no que se refere às exigências do mercado cultural. Portanto, no âmbito das relações dos grupos folclóricos com o poder político-administrativo e cultural e com o mercado, as mudanças e as permanências guardam significações e tendências que tanto podem beneficiar os interesses dos setores hegemônicos como os interesses dos setores subalternos da sociedade.

Nesta dimensão permanece um fato constante: em toda a sua história, ao longo de períodos e conjunturas diversas, a Festa do Pau da Bandeira sempre foi organizada e realizada sob o controle das instituições e dos setores sociais dominantes da sociedade de Barbalha. Inicialmente sob a direção das famílias, em primeiro lugar, e da Igreja. Num outro período, tendo a Igreja como a força principal, e a coparticipação das famílias e do poder público municipal. E nos dias de hoje, sob a direção do poder público, a coparticipação da Igreja, das famílias e uma crescente influência da iniciativa empresarial.

No interior desta moldura sempre coube aos setores subalternos, os “setores populares”, o papel de coadjuvante. No interior destes limites é o que os “setores populares” tem tido oportunidade de expressar seus interesses e sua visão de sociedade e efetivar conquistas no sentido de influenciar nos processos de organização e controle da Festa. Pode ser muito pouco, mas são nestes interstícios que os “setores populares” tem se afirmado também no contexto mais amplo da sociedade e demarcado sua existência social.

Funções socioeducativas da Festa e reflexão teórica: dimensão ampla

A quarta pergunta questionava a vitalidade dos conceitos “cultura popular” e “educação popular” quando se quer dar conta de práticas socioculturais associadas à busca da democratização das relações socioeconômicas e político-culturais: punha em discussão as responsabilidades (e as possibilidades) de transformar o discurso de reconhecimento da importância das práticas culturais das camadas subalternas em formulações teóricas e em práticas político-pedagógicas com capacidade operatória, a serviço dos interesses dos referidos setores.

O exame destas duas questões estabelece como horizonte as possibilidades existentes ou a criação de possibilidades para superar os limites nos quais estão postas

as relações sociais – quer no âmbito da produção e do consumo da Festa, quer no âmbito mais amplo de produção da vida. Concretamente estes limites correspondem ao modelo construído ao longo do processo de conquista e colonização do Cariri, configurado como uma sociedade oligárquica, patriarcal e rural, na qual as relações sociais de produção e administração de bens materiais e não materiais são de assimetria e exclusão. Este modelo apresenta fissuras. De uma parte há a tonificação dos processos sociais, pela diversificação dos interesses e por uma maior circulação de informações e criação de oportunidades. De outra parte, surgem formas outras de domínio e de exploração dos setores subalternos.

Tome-se o exemplo da participação formal nos mecanismos decisórios nas relações entre desiguais. Esta prática nem sempre corresponde a uma real participação na tomada das decisões e na distribuição dos bens produzidos pelo trabalho humano. Basta verificar como isso se dá na construção da democracia burguesa, que permitiu a modernidade ocidental capitalista eleger seus parlamentares e executivos.

No caso da Festa, a democratização da escolha do Capitão do Pau da Bandeira é atravessada por processos outros que acabam por assegurar a permanência do controle socialmente restrito sobre a disputa. Conclusão: se a adoção dos mecanismos formais de participação corresponde em certa medida a conquistas dos setores sociais subalternos, ela também se caracteriza como uma estratégica concessão dos setores dominantes para continuarem hegemônicos. Portanto contém não só elementos de afirmação das expectativas de democracia, como também elementos de dissimulação dos artifícios de dominação e consolidação das desigualdades.

A possibilidade de responder positivamente a indagação feita exige o esforço para superar práticas sociais e elaborações teóricas prevalecentes de “cultura popular” e “educação popular”. Desafio que supõe a discussão em torno de como trabalhar a reconstrução destes dois conceitos e práticas sociais, de modo a fazer a crítica dos seus acúmulos e reconstruí-los para dar conta dos desafios da atualidade. Esta perspectiva parte da premissa de que os princípios filosóficos, teórico-metodológicos e operatórios destas concepções continuam válidos quando se trata de pensar as relações sociais dentro de um horizonte de superação dos mecanismos de dominação e de exploração.

No que diz respeito à concepção de “cultura popular” está patente que não faz sentido perseverar nas posições de caráter romântico, ou o seu oposto, de caráter iluminista (CHAUÍ, 1989). As duas são insuficientes para uma abordagem crítica e construtiva do conceito. Elas conduzem geralmente à ideologização e acabam por ter

validade apenas para aqueles que nelas acreditam de modo ingênuo ou dos que se aproveitam dos equívocos por elas criados. A ideologização da concepção de cultura popular acaba por reforçar os mecanismos conservadores e dificultar a explicitação dos conflitos decorrentes não apenas da oposição dominantes/dominados, mas também de outros processos contraditórios que penetram as relações no âmbito da produção e do consumo das manifestações culturais. A superação das visões ideologizadas, cristalizadas e empobrecedoras supõe valorizar os diversos modos de elaboração do conhecimento, buscando a interpenetração dos mesmos pela multidisciplinaridade.

O mesmo esforço deve ser realizado no que diz respeito ao conceito “educação popular”. Esta concepção de intervenção social e pedagógica nos processos de relações sociais representa uma respeitável herança de princípios, linhas metodológicas e experiências a serem criticadas. Portanto, um valioso instrumento de reflexão e de ação sobre a realidade social, possível de ser instrumentalizado por aqueles setores que se empenham na luta pela superação das desigualdades. Também neste caso são identificáveis esforços no sentido de atualizá-la em sintonia com o presente e o futuro.

De um modo geral o senso comum a respeito da “cultura popular” e da “educação popular” está ligado à experiência da esquerda na América Latina, de inspiração marxista ou de inspiração cristã progressista, situada entre o final dos anos 50 e os anos sessenta do século XX. A crítica deste estágio histórico, com seus componentes teóricos e metodológicos, deve permitir o abandono das fórmulas estereis, a superação da ideologização e assegurar o enfrentamento dos desafios colocados pelas atuais relações vigentes no modo capitalista de produção da vida, que trazem novas questões e agravam questões não solucionadas.

No caso estudado o grande desafio ainda não enfrentado é o de desenvolver instrumentos operatórios e tecnologias sociais para ajudar os contingentes populares que fazem a Festa adquirirem uma maior capacidade de sua gestão ao nível simbólico, econômico, político e social.

Em 1994 a dissertação apresentava como um dos aspectos centrais e desafiantes da Festa uma descoberta que não estava na formulação dos objetivos iniciais da pesquisa: o processo de mercantilização ligado ao fenômeno presente na realidade do Estado do Ceará, o desenvolvimento da indústria do turismo. Para pensar o desafio gerado pela crescente integração da Festa ao mercado de consumo cultural propunha pensar a partir das questões seguintes:

- Como os setores subalternos da sociedade de Barbalha podem ter na integração da Festa às relações de mercado um fator de aumento da oferta de emprego e renda, da garantia de sua sobrevivência?
- Como será possível a integração da Festa à indústria do turismo e ao mercado de consumo dos serviços de lazer e cultura, sem que as manifestações de cultura local sejam reduzidas a meros artigos de venda e percam seus significados internos e sua capacidade de atualização?
- Como nesse processo crescente de integração ao mercado, os setores subalternos que produzem estas manifestações culturais podem fortalecer seus mecanismos de organização e defesa de seus interesses, contribuindo para a conquista de relações sociais democratizadas em todas as esferas da vida?

O texto afirmava finalmente que para produzir respostas concretas a estas questões, reflexões e propostas operacionais, o caminho seria discuti-las com a sociedade de Barbalha, sobretudo com os setores interessados na construção de relações sociais mais favoráveis a um crescimento equilibrado de todos os seus segmentos.

Um ano depois estas ideias foram apresentadas na Universidade Regional do Cariri e consolidadas em artigo intitulado *A Festa do Pau da Bandeira de Barbalha: esta manifestação cultural pode ser transformada em mercadoria descartável?* Neste artigo propunha-se o debate e a descoberta de formas de ação junto a pelo menos quatro setores da sociedade local: o sistema de ensino escolar de 1º e 2º graus; os grupos artísticos e organizações comunitárias; os tomadores de decisões em instituições públicas e privadas; os formadores de opinião, intelectuais e comunicadores.

A retomada da reflexão crítica sobre a dimensão socioeducativa da Festa

Por ocasião do II Congresso Cearense do Folclore e I Seminário sobre Cultura, Religiosidade e Festas Populares do Cariri, realizados em Barbalha de 26 a 31 de maio do ano de 2009, na mesa-redonda *Dimensões Socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira* as questões propostas e discutidas foram retomadas, acrescidas agora de uma tentativa de crítica do tratamento dado 15 anos atrás: o que representava aquele modo de

perguntar? Qual a pertinência daquelas perguntas, feitas daquele modo? O que há nelas de equívocos ou inadequações? Teria sentido fazer hoje tais perguntas? Se a Festa tem dimensões socioeducativas, agiram elas desde então sobre o olhar do pesquisador? Provocaram alguma mudança sobre o olhar dele?

A reflexão retomada neste contexto permite afirmar que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em todos os períodos observados configura-se produto de um amplo e profundo movimento social. Mesmo sob a pressão dos mecanismos de controle e de apropriação por parte dos núcleos instituídos – as famílias abastadas, a Igreja Católica, o Estado através do poder público municipal, o mundo da economia, os meios de comunicação, os intelectuais de todos os matizes, os carregadores, a Indústria Cultural – o movimento social que a produz, mais que resistindo continua existindo.

Ao longo de cada ano civil estes diferentes segmentos sociais que fazem a Festa e que disputam seu controle acabam estabelecendo um espaço de produção de saber e de aprendizado para si e para sua sociedade, uma dimensão sócio-educativa pluralista de onde falam e fazem a história do seu lugar, dos seus educadores e dos processos educativos, das formas e regras e instrumentos da organização social e política. É a existência sempre presente deste conflito na pluralidade, como jogo e diversão, como apelo ao passado e como acena ao futuro que tem mantido a vitalidade da Festa do Pau da Bandeira, apesar de todas as profecias sobre sua degeneração ou desvirtuamento.

Por ocasião da pesquisa feita entre 1990 e 1992, quando já se denunciava insistentemente a distorção de um possível sentido original e genuíno da Festa, descobri que, enquanto na cidade se desenrolava a programação oficial, os carregadores mais antigos continuavam seu costume de ir para a cama do pau. Agiam como educadores de um tipo de saber e prática social próprios de sua inserção social. E desmentiam com sua atitude a homogeneização da Festa, ao contrário do que mostrava a propaganda da indústria cultural ou como talvez desejassem os tradicionalistas. Talvez a Festa nunca tenha sido homogênea apesar da força das instituições que controlam/governam.

O estudo da Festa do Pau da Bandeira a partir das contribuições de frequências diversas como a sociologia, a história, a antropologia, a arte permite descobrir o que ela encarna de aspectos do processo formativo da sociedade barbalhense, em dimensão micro e macro, tanto os de natureza geral quanto os de natureza específica, referentes aos seus subgrupos: étnicos, classistas, geracionais e outros.

Nestas descobertas estão presentes as dimensões e os processos educativos vinculados às permanentes mudanças que se verificam em qualquer dinâmica societária,

em diferentes direções e sentidos. E não apenas as mudanças que podem ir numa única direção: por exemplo, as mudanças que possam ser associadas a uma teleologia progressista, evolutiva, linear, voltada para uma pretensa perfeição social, desconsiderando quase sempre a possibilidade de recuos e vieses.

As dimensões e os processos educativos presentes na Festa tem vinculação com as mudanças constantes, que operam em todos os momentos, em todos os sentidos, para além das classificações que os sistemas interpretativos constroem. Isto quer dizer que a dimensão socioeducativa da Festa do Pau da Bandeira, como movimento sociocultural e educativo, tem a medida mesma dos movimentos socioculturais que a produzem nas mais diversas instâncias, conflitantes e consensuais: Estado, Indústria Cultural, a Sociedade local em suas pluralidades.

As dimensões socioeducativas incluem também o estudo das formas, processos, instrumentos e sentidos adquiridos em contato com processos contemporâneos de mundialização da cultura – sociedade da informação e o desafio do conhecimento, presença e intervenção da indústria cultural e da indústria do turismo especialmente no caso do Ceará – e dos impasses e perspectivas que estes processos provocam sobre as culturas locais.

As dimensões socioeducativas, na sua dinamicidade, teriam que ser levadas em consideração pelo menos nas seguintes direções: como elas atuam sobre os que fazem a Festa no sentido comunitário (movimento social), sobre os que fazem a Festa como ação institucional (o Estado, a Igreja, outras organizações) sobre os que consomem a Festa como produto cultural (comunitário ou industrial), sobre os que instituem a Festa (os intelectuais de todos estes segmentos).

Os Carregadores do Pau da Bandeira estão entre os atores educadores que mais se destacam na Festa que anualmente renova os laços da comunidade barbalhense com o mundo do sagrado – seja com a natureza, seja com a figura de Santo Antônio – e com o mundo dos humanos – através da confraternização que envolve conterrâneos e os que vêm de além-fronteira, de bem perto, de pouco ou de muito longe. Além de representarem socialmente os diversos estratos sociais no desafio de levar o mastro até a Praça da Matriz, os Carregadores em seu trabalho afirmam e constroem valores como: o compromisso com o que é do interesse de uma comunidade; a união da força física e espiritual com a sagacidade e o conhecimento, necessários ao desafio de manter a união diante de tarefa tão exigente; a inquebrantável fé nos destinos do ser humano, o que faz com que a tarefa seja retomada a cada ano, com alegria e com determinação.

Quase síntese: sobre manifestações culturais e tradição

As manifestações culturais não são importantes porque são tradicionais. Mas tornam-se tradicionais porque tiveram ou têm algum significado (importância) na vida das pessoas e suas comunidades.

O interesse sincero deve investigar (descrever e analisar) quais são esses significados (importâncias) para a memória individual e para a memória coletiva.

Os significados que as manifestações culturais adquirem para as pessoas e para os grupos sociais são datados no tempo (históricos) e no espaço da sociabilidade (relações sociais e políticas).

Existem significados mais profundos e duradouros, vinculados aos arquétipos do inconsciente coletivo da própria humanidade; e significados mais superficiais e passageiros, próprios de um grupo social, de uma época, de uma região, de um lugar.

A significação também está ligada ao lugar que os intérpretes dela ocupam na sociedade. Todos os significados (os duradouros e os passageiros) são interpretados a partir do ponto de vista social de quem os descreve e analisa.

Em uma sociedade como a nossa, desigual e excludente, predominam como modelos interpretativos os pontos de vista de quem tem maior fatia de poder político, recursos econômicos ou autoridade cultural institucional; mais espaço e reconhecimento para fazer ouvir sua voz, para criar e divulgar significados.

Em Barbalha, as pessoas fazem a Festa do Pau da Bandeira não apenas por ser tradicional. Ao contrário, elas reforçam a tradicionalidade da Festa pelos significados que Ela tem em suas vidas.

A Festa do Pau da Bandeira tem múltiplos significados, simultâneos, complementares, conflitantes, para quem organiza, apoia, participa. A tradição fundamental a ser preservada é assegurar a existência destes significados, ligados ao modo de vida das diferentes pessoas e grupos sociais.

A forma que a Festa assume tem importância social e política porque é um sinal concreto de que os que detêm neste momento a hegemonia política na sociedade barbalhense compreendem, em parte ou no todo, a tradição fundamental de assegurar a expressão dos significados da Festa do Pau da Bandeira.

A Festa do Pau da Bandeira terá cada vez mais importância social e política quanto mais sua organização incorporar a participação (os diferentes significados) de todos os segmentos que a fazem, diversificando seus mecanismos de estímulo aos grupos e suas formas de realização.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, José Edvar Costa de. **O papel político - pedagógico das manifestações da cultura popular na construção de modelos e conceitos de relações sociais - o caso da Festa do Pau da Bandeira, de Barbalha.** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1994.

_____. Múltiplas tradições culturais, educação e a construção de ambientes societários abertos: em busca de marcos teóricos. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et alii (Org.). **História da Educação - Vitrais da Memória; lugares, imagens e práticas culturais.** Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. O uso re-criador de elementos das manifestações das culturas populares: um desafio conceitual e operacional para os educadores. In: CAVALCANTE, Maria Juraci et alii (Org.). **Escolas e culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais.** Fortaleza: Edições UFC, 2009. Pág. 133-138

BARROSO, Oswald. **Memória do Caminho.** Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.

_____. **Ceará: uma cultura mestiça.** Disponível em www.oswaldbarroso.com.br/arquivos/ceara400umaculturamestica.pdf. Acesso em 28.10.2011.

BARROSO, Oswald; CARIRY, Rosemberg. **Cultura insubmissa.** Fortaleza: Nação Cariry Editora/Livraria Gabriel/Secretaria de Cultura, 1986.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura.** 2ª edição. São Paulo: Brasiliense. 1986.

BRITO, Maria do Socorro. **Mudanças na organização do espaço: o novo e o velho no Cariri canavieiro cearense.** Fortaleza: IOCE, 1985.

CALLOU, Marchet Antônio. **Algo sobre a história de Barbalha.** Tribuna do Ceará. Fortaleza, 17.08.90. Suplemento Barbalha 144 anos.

_____. Conotações históricas de Barbalha. **Itaytera**, n. 21. Crato (CE): Instituto Cultura do Cariri, 1977. p. 79 - 91.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense. 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Edições UFC/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FRAZER, Sir James George. **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

MACEDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.

NEVES, Napoleão Tavares. **Pequena História da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha**. Barbalha: s/editor, 1988.

_____. **Fundamentos históricos de Barbalha**. Tribuna do Ceará. Fortaleza, 17.08.90. Suplemento Barbalha 144 anos.

NOVA BARBALHA. **Órgão de divulgação da Prefeitura Municipal de Barbalha**. Ano II, n. 03, Junho de 1991.

O POVO. **Viva a Cultura Popular**. Fortaleza, 29 de janeiro de 1990. Caderno B, Vida & Arte.

_____. **Barbalha comemora Santo Antônio com festas populares**. Fortaleza, 05.06.87.

PAIVA, Flávio. **O folclore erótico do Pau da Bandeira**. O POVO. Fortaleza, 07.06.87.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Fortaleza: s/ editor, 1950.

REZENDE, Marcos. **O Pau-da-Bandeira ergue a fé no sertão**. Diário do Nordeste. Fortaleza, 01.06.82.

SILVA, Josier Ferreira da. **Uma representação sócio-espacial da cultura no município de Barbalha: o embate entre tradição e modernidade como desafio educacional**. EM: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et alii (organizadores) História da Educação - Vitrais da Memória; lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Edições UFC, 2008. Pág. 314-330

SOUZA, Océlio T. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha: entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. Dissertação apresentada ao Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SOUZA, O. T.; BEZERRA, S. N. F. **A Festa do Pau-da-Bandeira**. 1ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.